

# O CONHECIMENTO DAS MULHERES COMO RAIZ DA SOBERANIA ALIMENTAR NA COREIA DO SUL

■ Hyo Jeong Kim

Mulheres agricultoras assumem historicamente o protagonismo como guardiãs da agrobiodiversidade



Fotos: Hyo Jeong Kim

A Associação Camponesa de Mulheres Coreanas (KWPA, na sigla em inglês) lidera o movimento de soberania alimentar da Coreia do Sul. Fundada em 1989, a associação reúne centenas de grupos de mulheres agricultoras. Sua atuação centra-se na troca de conhecimentos e experiências entre as mulheres de diferentes gerações. Por meio desse intercâmbio de saberes, a geração mais velha compartilha seu conhecimento adquirido ao longo da vida, enquanto a nova geração de agricultoras desafia os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres na agricultura. Esse é um bom exemplo de como o conhecimento tradicional das mulheres é um ingrediente crucial para a Agroecologia e a soberania alimentar.



**movimento de soberania alimentar da Coreia do Sul está enfrentando uma luta colossal. O país está despontando como um dos maiores importadores mundiais de alimentos produzidos em**

**lavouras transgênicas. Além disso, o atual governo tem como objetivo produzir e vender culturas transgênicas, incluindo um dos gêneros alimentícios mais importantes para o povo coreano: o arroz. A industrialização acelerada, combinada com a pressão dos mercados globais de alimentos, vem afetando profundamente a agricultura sul-coreana. A porcentagem da população dedicada à agricultura passou de 50% para menos de 7%, e um quarto da área agrícola do país desapareceu desde a década de 1970, quando as tecnologias da Revolução Verde começaram a ser promovidas. Os agricultores que restaram foram forçados a participar de projetos de modernização agrícola que negligenciam seus conhecimentos e habilidades tradicionais, priorizando técnicas agrícolas que requerem um aporte intensivo de insumos.**

## O CONHECIMENTO DAS AVÓS

Tais mudanças na agricultura sul-coreana tiveram um impacto diferenciado sobre as mulheres. Como resultado da sociedade patriarcal do país, muitas mulheres não têm acesso ao capital e aos recursos da terra. Além disso, elas foram marginalizadas dos processos de formulação de políticas econômicas e sociais.

Como tudo na vida, sempre há um lado positivo: justamente por serem excluídas da pressão *modernizadora* do governo, muitas mulheres seguiram praticando a agricultura de pequena escala com base em técnicas tradicionais. Embora sigam lutando para acessar os mercados para seus produtos, essas práticas são essenciais para a economia informal.

A maioria dessas mulheres tem agora mais de 60 anos de idade. São conhecidas como *hal-mo-ni* (avós, na língua nativa). Elas sabem como produzir, processar e conservar alimentos, bem como fabricar roupas e construir abrigos. Além disso, detêm o conhecimento e as habilidades necessárias para armazenar e cultivar suas sementes tradicionais. Suas práticas relacionam-se a um profundo conhecimento sobre a biodiversidade, mantendo policulturas complexas no manejo dos agroecossistemas (ver Quadro).

## AGRICULTORAS ATIVISTAS

Recentemente, algumas agricultoras mais jovens, integrantes da KWPA, que aprenderam a cultivar no sistema de agricultura industrial, começaram a questionar a necessidade de comprar insumos constantemente, como sementes e fertilizantes. Essas agricultoras ativistas também perceberam que era essencial tornar mais visível a importância do papel das mulheres camponesas na sociedade coreana. Elas decidiram focar seu trabalho no uso do conhecimento das mulheres sobre sementes para resgatar variedades tradicionais por meio da coleta e da multiplicação de sementes nativas. Além disso, as sementes camponesas simbolizam o conhecimento tradicional, a soberania alimentar e a preservação dos recursos genéticos, bem como o patrimônio cultural.

## PLANTANDO SEMENTES

As primeiras sementes tradicionais que a Associação Camponesa de Mulheres de Hoengsoeng, que integra a KWPA, decidiu cultivar eram de feijões, que sempre desempenharam um papel importante na história da Coreia. Apesar de sua importância, era difícil encontrar sementes crioulas. Finalmente, as mulheres obtiveram sementes de uma ativista da rede Anti-Transgênicos da Coreia que conhecia pessoas com acesso ao banco de sementes da Federação Nacional de Cooperativas Agrícolas. Cada integrante da associação recebeu três tipos de feijão para cultivar. A ideia era realizar um encontro um ano depois para trocar experiências e sementes. Dentre todas as mulheres, apenas uma conseguiu cultivar os grãos. E ela era justamente uma das avós. Ela era a única que detinha o conhecimento e as habilidades necessárias para multiplicar as sementes. Esse foi um momento importante para as ativistas da KWPA, que passaram a perceber que a troca de conhecimento e habilidades entre gera-





O trabalho das mulheres é central na seleção e na conservação das sementes tradicionais

ções de mulheres é fundamental para a construção de um movimento em defesa das sementes tradicionais. *As mulheres camponesas não têm diplomas em reprodução de sementes, mas são especialistas no assunto*, disse Yoon Keum Soon, uma ativista da KWPA de Seong-Ju.

Desde então, as ativistas vêm construindo um movimento de sementes tradicionais, que iniciou com a coleta de sementes e o registro do conhecimento ancestral das avós em suas comunidades. Suas atividades atingem todo o país e estão em franca expansão. As mulheres da KWPA agora atuam em mais de 15 cidades e oito províncias em toda a Coreia do Sul. Organizam festivais de sementes e publicam e disseminam informações sobre o direito dos camponeses às sementes. Além disso, merecem destaque duas das iniciativas inovadoras associadas ao movimento: as unidades comunitárias de produção sementes e uma cooperativa das agricultoras.

## UNIDADES COMUNITÁRIAS DE PRODUÇÃO DE SEMENTES

Desde 2009, a KWPA criou mais de 20 unidades comunitárias de produção de sementes tradicionais. Apenas três delas recebem apoio governamental e a maioria é gerenciada por grupos de mulheres que dividem o trabalho, ainda que cada uma em sua própria parcela. Os cidadãos urbanos também ajudam a administrar várias dessas propriedades que, por sua vez, se tornaram locais onde crianças e adultos podem aprender sobre a importância das sementes crioulas.

Muitas foram as dificuldades para colocar em prática a produção de sementes tradicionais. Mesmo com anos de experiência agrícola, ainda há muito a aprender. Cada cultura requer diferentes métodos de cultivo, seleção e preservação. Por exemplo, Han Young Mee, uma agricultora de Hoengseong com mais de 20 anos de experiência na agricultura industrial, explica que, quando tentou preservar sementes, não teve sucesso porque ora os animais as comiam ora ela se esquecia de onde as havia armazenado. Além disso, quando ela não conseguiu cultivar algumas mudas de batata rosa crioula que obteve de outra localidade, tornou-se evidente que cuidar das sementes também exige entender o clima e o solo locais.

Para superar esses problemas, a KWPA desenvolveu um programa de orientação com as avós, o que foi até bastante fácil, já que a maioria das aldeias conta com um bom número de agricultoras tanto jovens como idosas. Quando elas se reúnem, compartilham seus conhecimentos de agricultura e culinária, aprendendo

umas com as outras. Com a ajuda da KWPA, muitas dessas mulheres registram suas lições para que mais agricultoras possam levar adiante a produção de sementes tradicionais. Um grupo integrante da KWPA na Ilha de Jeju, por exemplo, publicou um livro sobre o modo como as avós praticam a agricultura e cultivam e mantêm diversas sementes crioulas.

## RECURSOS COMUNS

Em Haman, um condado no sul do país, um grupo de mulheres camponesas maneja de maneira coletiva 30 culturas diferentes em um lote de 0,2 hectare. Um desafio prático que enfrentam é o de administrar o tempo necessário para o trabalho na unidade de produção de sementes. A agricultora Han Swoung Ah explica como é difícil conciliar o cuidado com as crianças, o trabalho em sua própria unidade e o cultivo na parcela comunitária: *Eu briguei com meu marido muitas vezes pelo tempo que dedico à parcela comunitária. Ele fica zangado porque diz que eu negligencio o terreno da nossa família.*

Apesar dos desafios, a importância e o valor da comunidade se tornaram claros com a experiência das mulheres nas unidades de produção de sementes. Por exemplo, sem o apoio da comunidade, uma safra ruim de produção de sementes torna quase impossível o plantio no



Unidades comunitárias de produção revalorizam as sementes como um bem comum a ser aprimorado, conservado e defendido

próximo ano. No passado, os camponeses mantinham sua agricultura ao contarem com as comunidades locais, compartilhando sementes, trabalho, conhecimento e habilidades. Dessa forma, as sementes passavam pelas mãos de todos os membros da comunidade e por isso assumiam o caráter de bem comum. As unidades de produção de sementes comunitárias estão revivendo esse tipo de prática.

## COOPERATIVA DE AGRICULTORAS

As integrantes da KWPA perceberam que era preciso não só construir a solidariedade entre as agricultoras, mas também fortalecer o elo com os consumidores. Elas desenvolveram então uma iniciativa de Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), com o nome de *Jardim das Irmãs*, voltada para a entrega de cestas de alimentos. A CSA começou em 2009 como uma empresa social com o apoio do governo para pagar duas funcionárias. Recentemente, elas transformaram a organização em uma cooperativa, de modo que cada uma das 200 mulheres camponesas participantes se tornou associada. O sucesso da CSA tem sido tal que, em sete anos, passou de uma comunidade fornecendo cestas semanais para 100 famílias para 15 comunidades em toda a Coreia do Sul atendendo mais

de 2.000 famílias. Em contraste com o sistema industrial de distribuição de alimentos, os consumidores estão em comunicação direta com as produtoras, aprendendo sobre suas limitações sazonais e influenciando as decisões relacionadas aos plantios. Além de adquirir produtos sazonais a preços acessíveis, os consumidores estão se envolvendo cada vez mais no trabalho da KWPA, seja por meio de atividades voluntárias nas unidades comunitárias de produção de sementes crioulas ou participando de cursos de culinária tradicional realizados todos os meses em Seul.

A cooperativa também é vista como um sucesso em termos de empoderamento econômico das mulheres agricultoras. Particularmente no caso das avós que, de outra forma, têm dificuldades em acessar mercados convencionais para a venda de seus produtos. Nesse sentido, o enfoque que conecta produtoras e consumidores é fundamental para garantir uma compensação justa às agricultoras pelo seu trabalho.

## SEGUINDO EM FRENTE

Um objetivo de longo prazo é produzir e vender mais culturas nativas através da Cooperativa Jardim das Irmãs e criar uma escola de Agroecologia para apoiar ainda mais esse intercâmbio entre gerações de mulheres. Para as agricultoras da KWPA, intensificar o vínculo entre o movimento em defesa das sementes crioulas e a cooperativa não apenas fortalece a relação entre as gerações de mulheres camponesas, mas também é uma oportunidade para forjar laços com outras organizações afins no Leste da Ásia. Os primeiros passos nessa direção foram dados entre 2015 e 2016, quando mulheres produtoras da KWPA visitaram e trocaram conhecimentos com integrantes do Fundo de Agroecologia da Comunidade (Caef, na sigla em inglês) em Surin, na Tailândia, e uma das organizações que compõem a Associação de Agroecologia da Via Campesina, Serikat Petani Indonésia. Dessa forma, mais pessoas poderão adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias para obter bons resultados com a Agroecologia. Em 2012, a KWPA recebeu o prêmio de soberania alimentar pelo seu trabalho.

**HYO JEONG KIM**

pesquisadora feminista na Universidade de Mulheres Ewha, cujo trabalho enfoca o ativismo transnacional, a economia social, a soberania alimentar e a Agroecologia na Ásia.  
sheenkimm@gmail.com